

Opinião

Movimentos
ciclotímicos

Atualmente, o que se vende são atributos de idéias, conceitos, posicionamentos e não o “produto / serviço” em si. Mas, o agronegócio, na percepção dos seus públicos estratégicos de fora do setor, vende carne, frango, arroz, feijão, soja ou açúcar. Ou seja, ainda vende produtos, mas não vende idéias, conceitos, sob o guarda-chuva de marcas, salvo exceções, como Sadia, Perdigão, Bunge, entre outras empresas.

Cabe ressaltar, ainda, que, conforme a empresa de origem rural e/ou que tenha a agropecuária como a espinha dorsal do seu negócio adiciona valor à sua produção, ela já não é mais percebida como do agro e sim como pertencente a outros segmentos. Isso precisa mudar.

O agronegócio precisa “vender”, sim, oportunidades, emprego, riqueza, desenvolvimento, que é socioambientalmente responsável, para que seja percebido como sustentável. E o primeiro passo é integrar-se institucionalmente, com objetivo de construir um discurso único e coeso para representação político-econômico-social da classe rural brasileira. É essa soma que vai favorecer o trabalho do setor para a criação e manutenção de vínculos com os seus principais públicos estratégicos.

Existe um vazio na atuação intersetorial do setor rural com outros segmentos da sociedade, que precisa e deve ser preenchido. A Sociedade Rural Brasileira (SRB) aceita o desafio e convida as demais lideranças rurais a, juntas, funcionarem como agentes “negociadores” do agronegócio. Aproveito e desejo a todos Boas-Festas e um Feliz 2008! ■



João Sampaio*

QUE A agricultura é cíclica todos nós já sabíamos, mas que os movimentos se tornariam cada vez mais curtos é sinal dos novos tempos. Há duas safras agrícolas, vivíamos a maior crise da produção de grãos, com endividamentos vultosos e o pecuarista, na penúria, abandonava a atividade. Hoje, o quadro é o inverso. Temos a perspectiva de recorde na safra de grãos 2008/09. Uma das causas da ascensão nos preços internacionais das cadeias produtivas é a carne bovina, a grande vedete do momento.

A mesma vida curta observada nas novas tecnologias eletrônicas ou na informação parece ter sido transpostas para o campo. A “comoditização”, a entrada definitiva do Brasil no competitivo mercado internacional e a globalização dos produtos ajudam a explicar a velocidade impetuosa e, muitas vezes, implacável, do agronegócio brasileiro. A safra 2007/08 consolidou a recuperação da produção. Ensaíamos o renascimento em 2006/07 e recobramos as forças, mas há um freio nesse movimento – o câmbio. E se estacionarmos, seremos atropelados pela concorrência.

Alguns especialistas acusam os produtores de serem ciclotímicos, termo emprestado da neurologia, para classificar a passagem rápida do estado de euforia para o de depressão da agricultura e dos agricultores. Mas esse comportamento não é inerente à atividade produtiva. Isso

ocorre porque não há instrumentos acessíveis o suficiente para conter a velocidade da mudança do ambiente.

Para escapar da volatilidade há vários mecanismos. Se alguns deles são ações imediatas, outros decorrem de políticas agrícolas, das quais o Brasil ainda carece e padece. O fundo de catástrofe já anunciado seria uma saída para enfrentar as crises que impliquem socorro premente para garantir a continuidade da atividade e assegurar o abastecimento dos mercados interno e externo.

Popularização do mercado de futuros, nos contratos de compra e venda, e opções por produto são medidas que dariam ao produtor e à cadeia do agronegócio uma forma de segurar preços e rentabilidade. O governo federal já atua com novos papéis – LCA, WA e propostas localizadas de PEP e Prop, o que é insuficiente para atenuar as oscilações. O aperfeiçoamento dos mecanismos anticíclicos já existentes é o caminho mais rápido.

O tão falado seguro rural precisa deixar de ser um artigo de luxo e tornar-se uma ferramenta de manutenção da produção. A subvenção ao prêmio do seguro é uma forma de baratear os custos e popularizar o seu uso. O governo federal tem um projeto voltado para alguns estados e algumas culturas. Em São Paulo, pioneiramente, o governo estadual implantou a subvenção de 50% do prêmio, mas o produtor ainda é tímido na utilização desse instrumento de política agrícola na segurança da produção e importante fator de controle nos preços.

No entanto, a alternativa definitiva para fugirmos de uma vez por todas das alterações está na “descomoditização” e verticalização do setor com a agroindustrialização e agregação de valor. Se insistirmos somente na venda de grãos ou de carnes sem passarmos pela manufatura, continuaremos reféns dos fatores climáticos e de mercado. “Descomoditizar” é a palavra. Uma outra bem parecida seria a desdolarização da agricultura. Mas, como é tema ainda embrionário, requer reflexões mais profundas do elo setor produtivo. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)